



Identidade feminina modelar em *Os Dois Vizinhos*, de Wilhelm Rotermund

Imgart Grützmann¹

Mateus Klumb²

Resumo: Dr. Wilhelm Rotermund, pastor evangélico, jornalista e livreiro em São Leopoldo/RS, também foi escritor, destacando-se no gênero conto. Suas produções literárias em língua alemã foram publicadas no *Kalender für die Deutschen in Brasilien* [Almanaque para os Alemães no Brasil], entre 1881 e 1898, periódico esse editado anualmente, voltado à informação e à formação dos leitores. No presente artigo, objetiva-se analisar duas personagens femininas do conto *Die beiden Nachbarn. Bilder aus der Kolonie* [Os dois vizinhos. Cenas da colônia], de Rotermund, mobilizadas na mencionada narrativa com a finalidade de afirmar e difundir uma identidade feminina evangélica rural alemã. Essa análise baseia-se nas considerações de Tomaz Tadeu da Silva acerca da identidade e de Philippe Poutignat e de Jocelyne Streiff-Fenart no que se refere à identidade étnica.

Palavras-chave: Wilhelm Rotermund; *Kalender für die Deutschen in Brasilien*; Religião evangélica e germanidade.

Modeling female identity In *Two Neighbors*, by Wilhelm Rotermund

Abstract: Dr. Wilhelm Rotermund, evangelical pastor, journalist and bookseller in São Leopoldo/RS, was also a writer, standing out in the short story genre. His literary productions in German were published in the *Kalender für die Deutschen in Brasilien* [Almanac for the Germans in Brazil], between 1881 and 1898, a periodical edited annually, focused on the information and formation of readers. In this article, the objective is to analyze two female characters from the tale *Die beiden Nachbarn. Bilder aus der Kolonie* [Two neighbors. Scenes of the colony], by Rotermund, who are mobilized in the mentioned narrative with the purpose of affirming and spreading a German feminine evangelical rural identity. This analysis is based on the considerations of Tomaz Tadeu da Silva on identity and of Philippe Poutignat and Jocelyne Streiff-Fenart regarding ethnic identity.

Keywords: Wilhelm Rotermund; *Kalender für die Deutschen in Brasilien*; Evangelical religion and germanity.

No Rio Grande do Sul do século XIX, a produção cultural impressa destinada aos imigrantes de língua alemã e seus descendentes contou com a atuação significativa do Dr. Wilhelm Rotermund³

1 Professora associada e professora do Centro de Letras e Comunicação da UFPel. Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS com estágio de doutoramento-sanduíche na Johann Wolfgang Goethe - Universität Frankfurt am Main como bolsista do DAAD. Estágio pós-doutoral (2004-2006) junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS/RS; estágio pós-doutoral (2013-2014) junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. Coordenadora do projeto de pesquisa “História, cultura e identidade no *Kalender für die Deutschen in Brasilien* (1881-1918; 1920-1941)”.

2 Aluno da graduação da UFPel (8. semestre) do curso de Licenciatura Português-Alemão e orientando de iniciação científica. Atua no projeto de pesquisa “História, cultura e identidade no *Kalender für die Deutschen in Brasilien* (1881-1918; 1920-1941)” em andamento no Centro de Letras e Comunicação da UFPel, coordenado pela Profa. Dra. Imgart Grützmann.

3 Os dados biográficos de Wilhelm Rotermund originam-se da biografia de Erich Fausel (1936). As citações oriundas dessa obra, bem como das demais fontes em alemão utilizadas no trabalho, foram traduzidas pelos autores do artigo.

(1843-1925), natural de Stemmen/Alemanha, doutor em teologia pela Universidade de Jena, quem, em dezembro de 1874, emigrou para o Brasil imbuído da tarefa de atuar como pastor na Comunidade Evangélica de São Leopoldo/RS, à frente da qual permaneceu de 1875 a 1918. Ao lado de suas atividades pastorais, Rotermund trabalhou como livreiro, fundando, em 1877, a *Evangelische Buchhandlung* [Livraria Evangélica], mais tarde Rotermund & Co, especializada em livros e periódicos importados da Alemanha. Além de obras de diversas áreas do conhecimento, a *Evangelische Buchhandlung* também ofertava leituras de teor religioso (GRÜTZMANN, 2017). Rotermund também organizou e escreveu livros didáticos em alemão e em português, voltadas às escolas de língua alemã no Brasil, e dedicou-se ainda à edição de periódicos em alemão, principalmente para leitores de confissão evangélica, nos quais divulgou seus textos de vários teores. Nesse sentido, destacam-se o jornal *Deutsche Post* [Folha Alemã], que circulou de 1881 a 1917 e de 1919 a 1928, e o *Kalender für die Deutschen in Brasilien* [Almanaque para os Alemães no Brasil], publicado para os anos de 1881⁴ a 1918 e de 1920 a 1941 (Grützmann, 2004), periódico anual esse no qual, entre 1881 e 1897⁵, vieram a lume os textos literários em língua alemã da autoria de Rotermund, predominantemente contos.

A escrita e publicação de suas produções literárias, bem como as suas demais atividades, eram tributárias do binômio norteador do trabalho de Rotermund no Brasil. Nesse sentido, Erich Fausel assinala que “*Deutschtum* [germanidade] e Evangelho eram o mandamento sagrado na vida do Sr. Rotermund” (FAUSEL, 1936, p. 241). Embasado nessas concepções, Rotermund articula suas ações visando a “edificar, fortalecer e defender os cristãos evangélicos no Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul” (DREHER, 2003, p. 84) e ao “fortalecimento e a preservação da germanidade” (Idem, p. 84). Esses objetivos nortearam também a edição do *Kalender für die Deutschen in Brasilien* e a escrita das produções literárias de Rotermund, que integravam um conjunto maior de opções de leitura a serviço desses propósitos, veiculadas nas páginas desse almanaque. Trata-se, assim, de uma literatura engajada ou de ocasião [*Gelegenheitsliteratur*], conforme denominação utilizada por Gérson Neumann, pois ela “tenta transmitir ao leitor conceitos morais cristão-evangélicos” (NEUMANN, 2010, p. 74), e vincula-se ao “trabalho de Rotermund no âmbito das comunidades alemãs evangélicas no Brasil, e ela deve a sua existência e o seu caráter à possibilidade de mobilização nesse contexto” (Idem, p. 74).

Do conjunto de produções literárias de autoria de Rotermund, analisa-se, no presente artigo, o conto *Die beiden Nachbarn. Bilder aus der Kolonie* [Os dois vizinhos. Cenas da Colônia], publicado em duas partes, nos exemplares do *Kalender für die Deutschen in Brasilien* para 1883 e 1884⁶, respectivamente. Ambientado na fictícia Picada Isabelle, zona de colonização alemã no interior do Rio Grande do Sul, entre o final da década de 1870 e o início da de 1880, *Die beiden Nachbarn* tematiza, como indica seu título, a trajetória de duas famílias vizinhas de origem alemã, defensoras de valores antagônicos, geradores, por sua vez, de inimizade entre elas. Nesse universo diegético dicotômico encontra-se, de um lado, a família de Peter Lip, agricultores que cultivam em sua propriedade principalmente tabaco e feijão, núcleo esse ancorado em valores cristãos

4 Os almanaques vinham a lume geralmente em setembro ou outubro do ano anterior ao qual se destinavam. Assim, o primeiro *Kalender für die Deutschen in Brasilien* veio a lume em fins de 1880.

5 Os contos de Rotermund, publicados no *Kalender für die Deutschen in Brasilien*, encontram-se em *Gesammelte Schriften*, volumes 8, 15 e 24, da *Südamerikanische Literatur*, coletânea editada, a partir de 1917, pela Rotermund & Co., a qual circulou até 1941. Cf. GRÜTZMANN, Imgart. Produção de livros em língua alemã no Rio Grande do Sul: a *Südamerikanische Literatur*. In: ARENDT, Isabel C.; WITT, Marcos A. (orgs.) *História, cultura e memória: 180 anos de imigração alemã*. São Leopoldo: Oikos, 2005, p. 318-333.

6 No presente trabalho utiliza-se a tradução em língua portuguesa de *Die beiden Nachbarn. Bilder aus der Kolonie* [Os dois vizinhos. Cenas da Colônia] efetuada por Martin N. Dreher e publicada em Rotermund (1997).

evangélicos, engajado na defesa da germanidade e na apologia da vida rural. De outro lado, está o vendeiro, sem nome na narrativa, maçom, entusiasta do progresso e do modo de vida urbano, e sua família, composta pela mulher, também inominada na narrativa, e seu filho Christian. O vendeiro é proprietário de uma venda com salão de baile, de escravos e mulas de transporte, atuando também como comprador, transportador e revendedor de produtos agrícolas coloniais.

Desse universo diegético dicotômico de *Die beiden Nachbarn*, Luíse Lip, filha de Peter Lip, e Sulmire, nora do vendeiro, foram mobilizadas por meio da linguagem literária com a finalidade de afirmar e difundir uma identidade feminina rural em sua interface com preceitos da religião evangélica e com a germanidade. Essa relação embasa-se no pensamento de seu autor, já que, conforme ressalta Fausel, “para o Dr. Rotermund alemão e evangélico estavam indissolúvelmente ligados” (1936, p. 240), pois, na sua ótica, “a verdadeira essência alemã florescera primeiramente na igreja da Reforma” (FAUSEL, 1936, p. 241). Ao estabelecer esse elo, Rotermund mobiliza, já no século XIX, a religião evangélica como categoria identitária para os imigrantes alemães e seus descendentes, a qual não é apenas religiosa, mas também étnica, uma vez que está amalgamada à germanidade — a identidade alemã. Essa concepção evidencia as filiações teológicas e filosóficas de Rotermund, quem, conforme assinala Dreher, era “um herdeiro do Romantismo, cujas teorias se cristalizaram, na Igreja Evangélica da Alemanha, após a Guerra Franco-Prussiana de 1870/71, no Protestantismo Nacionalista” (2003, p. 86).

Na base dessas questões e na análise dessas personagens femininas e de sua função no texto literário, parte-se da noção, proposta por Tomaz Tadeu da Silva, de que a identidade e a diferença “não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais” (2000, p. 76). Essa ideia de construção também está na base da noção de etnicidade, de caráter dinâmico e relacional, privilegiada na investigação. Segundo Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart, “a etnicidade não se define como uma qualidade ou uma propriedade ligada de maneira inerente a um determinado tipo de indivíduos ou de grupos, mas como uma forma de organização ou um princípio de divisão do mundo social” (1998, p. 124-25). A isso os autores ainda acrescentam a mobilidade dessa forma de organização, pois sua “importância pode variar de acordo com as épocas e situações” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p.125).

O destaque conferido às personagens Luíse e Sulmire evidencia que, em *Die beiden Nachbarn*, a questão do gênero também foi um elemento presente na construção e afirmação de uma identidade feminina evangélica alemã. Dagmar Meyer, ao analisar as instâncias implicadas nesse processo, entre elas os periódicos editados por Rotermund, sublinha o papel das representações de gênero como demarcadores identitários, uma vez que elas “regulavam tanto a estrutura familiar e a divisão sexual e social do trabalho, quanto o sistema produtivo e econômico e, *naturalmente*, os afetos e os relacionamentos entre mulheres e homens dentro do grupo e fora dele” (MEYER, 2000, p. 82) [Grifo da autora].

Modelo e anti-modelo na construção identitária feminina evangélica alemã rural

Em *Die beiden Nachbarn*, uma das estratégias acionadas por Rotermund na construção e difusão de uma identidade feminina evangélica alemã rural consiste em sua fixação como norma, isto é, “normalizar

significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa” (SILVA, 2000, p. 83). No conto em questão, esse recurso consiste no modelo, personificado na personagem Luíse Lip, e do anti-modelo, corporificado na personagem Sulmire, casada com Christian, filho do vendeiro. O modelo explicita um comportamento exemplar imbuído da tarefa de “não só servir para fundamentar ou ilustrar uma regra geral, como para estimular a uma ação nele inspirada” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2002, p. 413). O anti-modelo, por sua vez, representa uma conduta avaliada negativamente por meio da qual “incentiva-se a distinguir-se de alguém” (Idem, 2002, p. 418). Em *Die beiden Nachbarn* esse recurso visa a atuar como um espelho imbuído de refletir claramente aos leitores as ações dignas de aceitação e as que devem ser rejeitadas, bem como as consequências positivas e negativas advindas das opções feitas pelas duas personagens femininas. Ao emprego do modelo e do anti-modelo na organização desse conto de Rotermund, Isadora Vilela e Leonardo Fígoli atribuem uma importância significativa “porque permite ao autor expor discursos opostos na narrativa, sem que o leitor se confunda quanto ao valor de cada um deles. A função didática do texto está relacionada com essa percepção de qual exemplo seguir” (2012, p. 588). Em *Die beiden Nachbarn*, o recurso ao modelo e anti-modelo perpassa todo o universo diegético, assentado, por sua vez, na dicotomia maior estruturante da narrativa: campo *versus* cidade. Manfred Kuder, ao analisar esse conto, observa que em sua construção “a oposição entre a aldeia[Dorf] e cidade, baseada no modelo das *autênticas* antigas Dorfgeschichten [contos da aldeia], desempenha um papel central” (1936/37, p. 422) [Grifo do autor]. Também Vilela e Fígoli assinalam que “a oposição *colônia x cidade*, ora de fora mais velada, ora de forma mais explícita, é um dos temas centrais do conto” (VILELA; FÍGOLI, 2012, p. 591-92) [Grifo dos autores].

Para a fixação do modelo e do anti-modelo em *Die beiden Nachbarn*, Rotermund vale-se também do narrador intruso, que além de narrar os acontecimentos de um ponto de vista onisciente, ainda apresenta como traço característico a intrusão, ou seja, “seus comentários sobre a vida, os costumes, os caracteres, a moral, que podem ou não estar entrosados com a história narrada” (LEITE, 1985, p. 27). Esse recurso literário, similar à categoria do autor implícito, de Wayne Booth, corresponde “a de persona, quer dizer, essa voz do autor que se exprime através da máscara da ficção” (BOURNEUF; OUELLET, 1976, p. 111). Seu emprego, somado ao modelo e anti-modelo, possibilita a Rotermund assumir a figura de autoridade religiosa na narrativa, que se vale da linguagem literária para aprovar e legitimar, com base no paradigma religião e germanidade, as ações vistas como corretas e desaprovar aquelas consideradas divergentes do modelo pretendido.

A dicotomia das origens de Luíse e Sulmire

Em *Die beiden Nachbarn*, na base do modelo e do anti-modelo, encontra-se a origem de Luíse e Sulmire, que engloba a localidade de nascimento e a filiação, e seus desdobramentos na vida dessas personagens. Luíse, representante do mundo rural, nasceu e sempre viveu com seus pais na Picada Isabelle, valorizada pelo narrador, já na moldura de abertura do conto, como “uma das mais férteis das colônias alemãs, inseridas na parte norte da Província do Rio Grande do Sul junto às encostas da montanha, ricas em matas e vertentes” (ROTERMUND, 1997, p. 9). Localizada em um vale, no qual o narrador destaca um elemento sagrado: “quase no centro está a igreja com torre um tanto quanto tosca; em volta, localiza-se o

cemitério” (ROTERMUND, 1997, p. 10). A igreja denota a presença da religião evangélica nesse mundo rural como marco regulatório central, aludindo, desse modo, ao primeiro mandamento “eu sou o Senhor, teu Deus, [...] não terás outros deuses diante de mim” (BÍBLIA SAGRADA, 1993, p. 70). Assim, a narrativa transmite também as considerações de Martinho Lutero acerca desse mandamento: “aqui penso [...] que Deus exige de mim e me ensina a confiar nele de coração em todas as coisas, e que ele, muito seriamente, deseja ser meu Deus. E como tal devo considerá-lo, sob pena de perder a eterna bem-aventurança” (LUTERO, 2011, p. 140).

O sagrado ainda está presente na moradia de Luíse por meio de livros de teor religioso: “sobre a pequena mesa, debaixo do relógio norte-americano, havia um ramallete de flores recém-colhidas no vaso [...]. Diante do ramallete encontravam-se a Bíblia e o livro de orações de Starck e, em cima deste, um óculo” (ROTERMUND, 1997, p. 31). Essa descrição evidencia que a prática de leitura na casa de Peter Lip segue os ensinamentos de Lutero, para quem “compete aos cristãos ler a Sagrada Escritura como seu livro próprio e único” (LUTERO, 2011, p. 315). Por essa razão, o teólogo alemão ressalta a importância da frequência das crianças à escola, pois nela “se educam jovens nas ciências, na disciplina e no verdadeiro culto a Deus, onde aprendem a conhecer a Deus e sua palavra, para depois se tornarem pessoas capazes de governar igrejas, países, pessoas, casa, filhos e criadagem” (LUTERO, 2011, p. 330). Além da Bíblia, o narrador cita o livro de orações de Johann Friedrich Starck ou Stark (1680-1756), teólogo e pastor luterano, de vertente pietista, obra que reforça o teor evangélico da prática de leitura na casa de Luíse. Os dois livros, por estarem no idioma alemão, constituem também um marcador étnico nesse período, já que para Rotermund “ao ser humano alemão a cristandade devia vir em sua língua e da sua essência” (FAUSEL, 1936, p. 241).

Sulmire, tematizada como o anti-modelo em *Die beiden Nachbarn*, não é nativa da Picada Isabelle, mas oriunda do meio urbano, sendo “a filha de um dos mais ricos negociantes de Carioca” (ROTERMUND, 1997, p. 26), diferenciando-se, assim, de Luíse não apenas pela procedência, mas também pela classe social. Ao contrário de Luíse, filha de agricultores e inserida em um espaço rural circunscrito, um vale, com marcas de religiosidade na paisagem, Sulmire origina-se de uma cidade marcada pela mobilidade, pelo comércio e pela novidade. Em Carioca, “aluga-se uma montaria para *ir pro mato*, na expressão comum à região” (ROTERMUND, 1997, p. 9) [grifo do autor], portanto, um lugar que recebe pessoas de outras procedências. É para Carioca que o vendeiro envia em lombo de mulas os produtos coloniais por ele comercializados em sua venda na Picada Isabelle, transporte esse a cargo de seu filho Christian e do escravo Mico. Carioca também se caracteriza como um lugar em que se obtêm informações acerca dos últimos acontecimentos, como, por exemplo, os desdobramentos da prestação do serviço militar dos rapazes solteiros. Carioca ainda proporciona o acesso a bens culturais, voltados ao entretenimento, à novidade literária e à cultura estrangeira. O vendeiro manda buscar da cidade os livros que possui em sua casa: obras dos escritores franceses Alexandre Dumas e Eugène Sue. Soma-se também a essa caracterização de Carioca, a avaliação negativa do espaço urbano privilegiada em *Die beiden Nachbarn*. A cidade é tematizada como um lugar em que as pessoas, especialmente a elite, “quase não crêem mais em Deus, a religião deles é o mais miserável egoísmo [...] não chegam a ter tanta cultura a ponto de consentir com a fé do outro” (ROTERMUND, 1997, p. 33). Além disso, “a cidade está tão cheia de falta de ética e de depravação como Sodoma e Gomorra” (ROTERMUND, 1997, p. 33), em que a referência às cidades bíblicas reforça essa visão nociva do espaço urbano no que tange à moral e aos valores religiosos.

Sulmire, oriunda de uma cidade marcada pela diversidade, novidade e mobilidade, oposta ao teor religioso e etnicamente circunscrito presente na Picada Isabelle, especialmente na família de Luíse, ela é uma personagem estranha ao mundo rural. Sulmire entra em contato com essa nova realidade ao participar do *Kerb* de São Miguel: “era assim que se designava na Picada Isabelle a festa de inauguração da igreja local, pois era sempre celebrada na festa de São Miguel” (ROTERMUND, 1997, p. 24). Ela desloca-se para essa localidade em companhia de moradores de Carioca: Peter ou Pedrinho Schmied e seu pai Jakob, Franz, irmão de Sulmire, e sua noiva Julie oriunda da cidade grande. Ao avistar o vale que “estava mais calmo no silêncio do sábado” (ROTERMUND, 1997, p. 26), Sulmire encanta-se com o lugar e afirma: “aqui gostaria de morar” (ROTERMUND, 1997, p. 27), desejo esse que se concretiza ao se casar com Christian, o filho do vendeiro.

Em *Die beiden Nachbarn*, no âmbito dessa oposição campo e cidade, a tematização de Luíse, como modelo, e de Sulmire, como anti-modelo, centra-se na sua relação com a religião evangélica, com seus ensinamentos e ritos, e nos desdobramentos em seus respectivos noivados e matrimônios, período esse que perfaz em torno de cinco anos, vividos pelas duas personagens na Picada Isabelle. Essa relação e suas consequências nas vidas de Luíse e Sulmire são julgadas positiva ou negativamente pelo narrador intruso em decorrência da perspectiva favorável à religião e à vida no campo por ele defendida.

A dicotomia das vivências da religião no tempo do noivado

Tematizada como figura feminina exemplar em *Die beiden Nachbarn*, a caracterização de Luíse Lip centra-se basicamente no seu caráter constante e na sua conduta virtuosa, ambos regulados pela presença da religião em sua vida, especialmente pela obediência ao quarto mandamento: “Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor, teu Deus, te dá” (BÍBLIA SAGRADA, 1993, p. 70). Assim, na construção de uma personagem feminina obediente aos ensinamentos cristãos, a narrativa também alude às considerações de Lutero. Em sua exegese desse mandamento, Lutero afirma que “primeiramente aprendo aqui a reconhecer em Deus meu criador e como me criou de forma tão maravilhosa com corpo e alma; que de meus pais me deu a vida” (LUTERO, 2011, p.142), sinalizando, assim, que a obediência aos pais significa honrar a Deus. Lutero ainda salienta que a infração do quarto mandamento traz consigo consequências adversas, pois “o próprio Deus amaldiçoa esses filhos desobedientes e lhes nega uma vida longa, como, aliás, muitos há que por causa disso morrem e sucumbem de modo vergonhoso antes de alcançarem a idade adulta” (LUTERO, 2011, p.143), afirmação que sedimenta o caráter duplamente persuasivo desse ensinamento cristão. A observância desse mandamento e dos demais ensinamentos religiosos Luíse materializa em sua vida por meio da reprodução de ações de seus pais, notadamente a atuação da sua mãe, considerada paradigmática pelo narrador intruso porque ela atua conforme os preceitos da religião.

A importância da religião na vida de Luíse, o narrador evidencia por ocasião de seu noivado com Peter ou Pedrinho, oriundo de Carioca e de profissão ferreiro, quem viera para o *Kerb* da Picada Isabelle em companhia de seu pai e de Sulmire e seus familiares. Embora oriundo do espaço urbano, Peter deixa claro que: “não sei muito a respeito da vida na cidade, pois sempre vivi para mim. Mas o que por vezes se ouve faz com que os cabelos fiquem em pé” (ROTERMUND, 1997, p. 33). Além do distanciamento desse modo de vida, Peter, segundo o narrador, professava a “sua querida fé cristã [...] mesmo que fosse forte e possante [...] tinha a sensibilidade da mãe e permanecera delicado porque não se deixara provocar pelos

furacões e lutas da vida” (ROTERMUND, 1997, p. 29). Luíse conheceu Peter em sua casa por ocasião do *Kerb*, pois ele e seu pai Jakob pediram hospedagem a Peter Lip, ato motivado pela desavença do jovem com o vendeiro em função do abrigo das montarias. Peter também foi acolhido na casa de Peter Lip quando estava desfalecido e com grave ferimento na têmpora esquerda. Esse estado de Peter fora ocasionado por um golpe de garrafa de cerveja desferido por Christian durante a briga de ambos no baile do *Kerb*, cujo pivô fora Sulmire. Durante a convalescença de Peter, Luíse auxiliou a mãe nos cuidados do enfermo, período em que os jovens desenvolveram uma afeição mútua, concretizada no noivado aprovado pelo pai da moça.

Ao noivar, Luíse pauta esse momento pelas mesmas normas advindas dos pais. Após a oficialização do compromisso, Luíse e Peter, acompanhados do pai da noiva, dirigem-se à igreja em busca da palavra de Deus, praticando, desse modo, um dos fundamentos da vida cristã evangélica. Para Lutero, “devemos ouvir a palavra de Deus de bom grado e ir à pregação: não apenas porque é um rigoroso mandamento de Deus, mas também porque tem a suprema promessa de ser agradável a Deus e por ser o serviço mais sublime [...] que lhe podemos prestar” (LUTERO, 2011, p. 89). Ao ir ao culto, Luíse guarda o terceiro mandamento “lembra-te do dia de sábado, para o santificar [...] o sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus” (BÍBLIA SAGRADA, 1993, p. 70). Assim, Luíse e Peter adotam a conduta explicitada por Lutero em sua exegese do terceiro mandamento: “no dia de descanso devo, em primeiro lugar, ouvir a palavra de Deus e refletir sobre ela, e, segundo a mesma palavra, agradecer e louvar a Deus por todos os seus benefícios, bem como orar por mim e por todo o mundo” (LUTERO, 2011, p. 141). Na ida ao culto, Luíse reproduz as atitudes de seus pais, seguindo em especial os passos de sua mãe, obedecendo, assim, ao quarto mandamento e, por extensão, ao primeiro. Em *Die beiden Nachbarn*, um dos traços da mãe de Luíse consiste na sua religiosidade, visível na frequência aos cultos, atitude pontuada pelo narrador: “depois de haverem tomado seu lanche, a mãe acompanhou-os à igreja” (ROTERMUND, 1997, p. 35). Desta forma, a mãe de Luíse e Peter Lip guardam o terceiro mandamento e cumprem a conduta explicitada por Lutero em sua exegese desse mandamento. A mãe de Luíse ainda atua como admoestadora do cumprimento do terceiro mandamento, pois coloca a família e as visitas a caminho da igreja: “vão, vistam-se, logo vai bater o sino” (ROTERMUND, 1997, p. 42). Observa-se ainda que em *Die beiden Nachbarn* a igreja e o soar dos sinos desempenham um papel fundamental “na organização do tempo – e, portanto, da vida – da comunidade” (VILELA; FÍGOLI, 2012, p. 591). No que tange aos sinos, Vilela e Fígoli chamam a atenção para o fato de que no conto de Rotermund o soar do sino, “aparentemente ouvido em todos os lugares na picada, orienta a ação dos personagens (dos *bons colonos*, claro), através do qual o narrador nos mostra uma comunidade cristã” (VILELA; FÍGOLI, 2012, p. 591) [grifo dos autores].

Sulmire conheceu Christian, único filho do vendeiro, de pouca instrução e de temperamento irascível, ao se hospedar, com seu irmão, Julie, Peter e Jakob, na casa do vendeiro para participar do *Kerb* de São Miguel. No baile do *Kerb*, no salão da venda, ela dançou com Peter, o que desagradou a Christian. Enciumado, o filho do vendeiro interrompeu a segunda dança e puxou briga com Peter, desferindo-lhe um golpe na cabeça com uma garrafa de cerveja. No decorrer desse baile, Sulmire e Christian assumem o compromisso de noivar. Por meio da caracterização de Sulmire como o estopim da briga entre os dois rapazes, sinaliza-se em *Die beiden Nachbarn* que moças da cidade causam tumulto e provocam discórdias por onde passam, ou seja, elas são tematizadas como agentes nocivos de mudança. Na caracterização de Sulmire, o narrador não evidencia a presença da religião na sua educação e vivência familiar, sugerindo, assim, que a religiosidade não integra a formação de moças pertencentes à elite e criadas no espaço urbano. A ação preferida de Sulmire consiste

em dançar e em se divertir em bailes, traço identitário apresentado pelo narrador já no início do conto. Ao cavalgar em direção à Picada Isabelle, Peter, em conversa travada com Sulmire, promete-lhe duas danças, o que produz na jovem contentamento e alívio, uma vez que, na sua perspectiva, “a gente tem que se cuidar, pois não se sabe o que se consegue ali embaixo no mato. Meu pai me advertiu, dizendo que cuidasse para não queimar o nariz, pois lá se dança com o charuto na boca” (ROTERMUND, 1997, p. 26). Essa particularidade de Sulmire também é reforçada no conto quando Peter e seu pai decidem encerrar a hospedagem na casa do vendeiro, ocasião em que a única preocupação da jovem com o amigo consiste no seguinte: “Peter, não esquece que me prometeste duas danças” (ROTERMUND, 1997, p. 31).

Sulmire, que não traz a fé e a prática religiosa como seus atributos, ao noivar com Christian, passa a integrar uma família refratária à religião e pertencente a elite comercial, ocorrendo, assim, um encontro de pares de mesma classe social e visão de mundo. O vendeiro, ateu, maçom e anticlerical, bem como adepto do progresso e da vida urbana, por se considerar detentor de uma cultura superior, atribui-se uma função iluminista na Picada Isabelle: “se eu não tivesse aí, os padrecos já teriam colocado todo o mundo no saco. O povo por aqui é mais burro do que um boi. O que o padre ensina às pessoas e o que está escrito na Bíblia eles tomam por verdade. É, falta a cultura” (ROTERMUND, 1997, p. 28). Christian e sua mãe, sem nome na narrativa, à época do noivado, não frequentam mais a igreja. As leituras da mulher do vendeiro consistem em “Eugène Sue [...] *Os mistérios de Paris* – ou o Alexandre Dumas para formar o seu espírito” (ROTERMUND, 1997, p. 27-28) [grifo do autor], autores franceses de folhetim, portanto, diferentes das opções de leitura da casa de Luíse, centradas na palavra religiosa. Inseridos nesse contexto, Sulmire e Christian, após o seu noivado, adotam conduta oposta a de Luíse e Peter. Em vez de Sulmire e Christian frequentaram o culto no domingo, o casal passa por Luíse e Peter, a caminho da igreja, “a galope a fim de visitar, bem mais acima, no vale, uma família aparentada” (ROTERMUND, 1997, p. 43).

As condutas de Luíse e Peter e de Sulmire e de Christian, por ocasião de seu noivado, o narrador julga em uma intrusão de teor doutrinário, utilizando-a também para avaliar e classificar o amor autêntico e digno de aprovação: “um amor dos bons é também um amor piedoso” (ROTERMUND, 1997, p. 42). Para o narrador, um sentimento verdadeiro une Luíse e Peter, visível na sua frequência ao culto: “e se existe sentimento bom, piedoso, nos jovens, podemos notá-lo no período do noivado, pois o amor verdadeiro vem de Deus, que é amor, e leva a Deus, à oração e à casa de Deus” (ROTERMUND, 1997, p. 42). Nessa intrusão, o narrador ainda explicita a sua visão acerca do amor ruim: “onde, porém, é o amor ao mundo e à carne que leva ao casamento, aí é melhor que o casal de noivos fique em casa ao invés de ir à igreja” (ROTERMUND, 1997, p. 42). Nessa perspectiva, a atitude indiferente de Sulmire e Christian concernente à religião sugere a ausência de um sentimento verdadeiro entre eles.

As condutas de Luíse e Peter e de Sulmire e de Christian, à época de seu noivado, o narrador também mobiliza para evidenciar os prognósticos aos casais: “bênção ou maldição, paz ou discórdia para seu estado matrimonial” (ROTERMUND, 1997, p. 42-43). Em sua explanação, o narrador ainda sentencia que apenas a religião, com a observância dos seus mandamentos e ritos, é capaz de conceder aos futuros casais uma vida matrimonial abençoada e pacífica: “pois as coisas acontecem como antigamente: tudo depende da bênção de Deus, e a bênção de Deus cai sobre aqueles que o buscam com coração piedoso, em oração e boas obras” (ROTERMUND, 1997, p. 43).

As distintas vivências da religião na celebração do casamento

A construção dicotômica de Luíse e Sulmire em *Die beiden Nachbarn*, no que tange à religião e ao mundo rural, também se explicita na celebração das suas respectivas núpcias, comemoradas na tarde de um mesmo sábado, ocasião em que o narrador, valendo-se de suas intrusões, reafirma aos leitores o modelo e o anti-modelo.

Nas núpcias de Luíse, predominam a quietude e a simplicidade. Segundo o narrador, “nenhum foguete estourou; a noiva, assim como as demais jovens, vestia roupa escura e apenas a grinalda clara dava a entender que rumavam em direção ao altar matrimonial” (ROTERMUND, 1997, p. 45), o que na venda suscitou “gozação em relação ao cortejo fúnebre” (ROTERMUND, 1997, p. 45) [grifo do autor]. Luíse, ao adotar esse traje nupcial, segue o padrão da pequena burguesia alemã, ainda vigente na Alemanha da década de 1870 (WEBER-KELLERMANN, 1998). Em *Die beiden Nachbarn*, a vestimenta preta combinada ao rito religioso é, assim, alçada a uma categoria identitária evangélica alemã rural, categoria essa que também conforma a visão positiva do campo defendida pelo narrador. Nessa perspectiva, Luíse, por meio de seu traje, também honra os valores da família e da comunidade em que está inserida e, por extensão, o quarto mandamento, bem como as virtudes cristãs da humildade e simplicidade. Respeito à religião e ao modo de vida alemão rural também orientam os demais aspectos da celebração do casamento de Luíse, que ocorre na casa da noiva, em conformidade com a tradição rural local, e em cujo transcurso “se permaneceu em conversa amena” (ROTERMUND, 1997, p. 45), não havendo música e danças. Na ceia de casamento seguiu-se o cardápio próprio da colônia, composto de “primeiro, sopa com massa fina; depois assado de gado e de porco com chucrute e batatas, então leitão, depois, assado de galinha e peru e, finalmente, ensopado de galinha com massa e pêssego” (ROTERMUND, 1997, p. 45), mas regada a “cerveja nacional simples” (Idem, 1997, p. 45), opção que o narrador valoriza positivamente em função dos ideais que defende.

Embora Sulmire e Christian procedam de famílias refratárias à religião, mesmo assim o casal e seus familiares praticam de modo superficial o rito religioso do casamento. As núpcias de Sulmire transcorrem em moldes diferentes do de Luíse, estando sob a égide da ostentação e em desacordo com a tradição rural defendida pelo narrador. A primeira diferença consiste na vestimenta da noiva. Sulmire “vestia totalmente branco, sapatos brancos, vestido de seda branca, sobre a cabeça coroa cheia de flores brancas de laranjeira, sob a qual caía o véu branco, nas mãos luvas brancas de glacê” (ROTERMUND, 1997, p. 44). Ao adotar esse traje, Sulmire evidencia a sua origem urbana e condição social, diferenciando-se do mundo rural da Picada Isabelle por meio do alinhamento com a aristocracia e a alta burguesia alemã. No início do século XIX, na Alemanha, “desde a época *Biedermeier*, para as camadas superiores da população era moda o vestido de noiva branco” (WEBER-KELLERMANN, 1998, p. 155). Ao casar de branco e com ostentação, Sulmire também se distancia da simplicidade defendida pelo narrador como modelo de virtude cristã e da identidade feminina evangélica alemã rural desejada.

Ao invés da quietude e simplicidade do cortejo nupcial de Luíse, o trajeto de Sulmire à igreja caracteriza-se pelo alarde provocado pelo estouro de meia dúzia de foguetes e pela pompa, como salienta o narrador: “o cortejo foi relativamente longo e pomposo; tão pomposo a colônia jamais o vira” (ROTERMUND, 1997, p. 44). Concernente ao local de comemoração das bodas de Sulmire e Christian houve uma ruptura, movida pela vaidade do pai do noivo. Em seu comentário, o narrador ressalta que, “segundo a tradição, o casamento deveria ter acontecido na casa da noiva, mas o vendeiro não queria deixar passar a oportunidade para

aparecer com seus distintos parentes diante dos colonos” (ROTERMUND, 1997, p. 44). A ceia do casamento, cujo cardápio principal coincidia com o casamento de Luíse, tinha como diferencial a presença de “diversos doces de sobremesa, como figos em compota, laranjas, pêssegos, cocada etc.” (ROTERMUND, 1997, p. 45) e de vinho nobre e cerveja cara, ofertados pelo pai da noiva. Assim, na casa do vendeiro, a comemoração do enlace de Sulmire e Christian ocorre, segundo o narrador, em grande estilo, com música, danças e presença de muitos convidados, a maioria proveniente da cidade.

A celebração das núpcias de Luíse e Sulmire ainda se diferencia no que tange à prédica e ao dia posterior ao casamento, dicotomia que o narrador mobiliza para estabelecer os parâmetros religiosos, os quais, na sua visão, são dignos de serem adotados pelos leitores, especialmente as leitoras.

Na bênção matrimonial de Luíse e Peter, “o pastor admoestou com Paulo: *Honrai pai e mãe; este é o primeiro mandamento com promessa; para que vás bem e vivas por muito tempo sobre a terra*” (ROTERMUND, 1997, p. 45) [grifo do autor]. Essas palavras os noivos acolheram de bom grado, conforme enfatiza o narrador em sua intrusão: “o que [o pastor] acrescentou caiu em solo fértil, pois temor em relação aos pais era algo bastante desenvolvido em ambos e fizeram a promessa: Os pais serão bem cuidados por nós até o fim de seus dias para que sua bênção edifique nossa casa” (ROTERMUND, 1997, p. 45). Desse modo, essa prédica salienta e ratifica a conduta dos noivos em suas respectivas famílias, especialmente na vida de Luíse Lip, quem desistiu de ir trabalhar na cidade e abriu mão do namoro com Christian por obediência incondicional ao pai, que desaprovava tais atitudes, conforme demonstra o estudo de Imgart Grützmann e Mateus Klumb (2017). Cabe lembrar que a subordinação de Luíse às decisões de Peter Lip não decorre apenas do cumprimento do quarto mandamento, mas também do papel do pai como figura de autoridade nas relações familiares, vinculado à concepção do matrimônio evangélico. Lutero, a partir das interpretações realizadas de várias passagens bíblicas, entre elas as da Epístola de São Paulo aos Efésios, define o pressuposto básico do casamento, instituindo as relações entre os cônjuges nos seguintes termos: “as mulheres sejam submissas a seus maridos como ao SENHOR, porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da Igreja, e ele é salvador de seu corpo” (LUTERO, 2011, p. 286-86). A escolha do quarto mandamento para a prédica não reitera apenas uma conduta religiosa, notadamente a de Luíse, mas também, por meio da promessa dos noivos, visa a dar um caráter de continuidade desse comportamento considerado pelo narrador como exemplar porque está baseado na palavra sagrada.

Na bênção matrimonial de Sulmire e Christian, a pompa e a soberba, referidas pelo narrador por ocasião do cortejo nupcial, também integram a prédica, embasada na seguinte palavra de Jesus: “Deus resiste aos soberbos, mas concede graça aos humildes” (ROTERMUND, 1997, p. 45). Concernente a essa escolha, o narrador sublinha que “foi boa a intenção, quando em seu sermão, orientado no texto, explicava que toda a força humana leva à desgraça, quando não orientada na condução divina e que, por isso, o ser humano deveria apresentar-se humildemente, caso quisesse alcançar o alvo” (ROTERMUND, 1997, p. 45). A esse viés doutrinador, o narrador ainda acrescenta a seguinte sentença: “simplicidade e humildade são também entre esposos os mais seguros guias para a paz e para a felicidade; soberba e teimosia levam sempre à discórdia” (ROTERMUND, 1997, p. 45). Apesar dessa admoestação, Sulmire e Christian continuam indiferentes ao Evangelho, atitude que provoca no narrador o seguinte comentário: “*para os errados estás errado! – O padreco não pode deixar de abusar*, comentou o vendeiro mais tarde, e o filho pensava o mesmo, e com tal disposição era impossível que um grãozinho sequer da semente lançada viesse a produzir fruto” (ROTERMUND, 1997,

p. 45) [grifos do autor]. Em sua digressão, o narrador ainda sublinha que “*a ervinha da soberba continuou a crescer alegremente entre os espinhos da amargura*” (ROTERMUND, 1997, p. 45).

Luíse e Sulmire ainda se diferenciam na conduta do dia posterior à celebração de seus respectivos casamentos, pois, segundo o narrador em sua avaliação, “no domingo de manhã evidenciou-se qual dos casais fizera melhor começo em sua séria caminhada” (ROTERMUND, 1997, p.46). No domingo, “quando os sinos bateram, convidando para a igreja, Peter foi com sua esposa à igreja” (ROTERMUND, 1997, p. 46), momento em que o casal pratica os ensinamentos cristãos. Essa atitude o narrador, por meio de uma intrusão, sanciona positivamente: “Esse era um bom começo” (ROTERMUND, 1997, p. 46). Sulmire e Christian, por sua vez, negligenciaram a religião, já que na casa do vendeiro “dormiu-se até meio-dia e depois estavam cansados, exaustos e em estado lastimável” (ROTERMUND, 1997, p.46). Em sua intrusão, o narrador por meio de uma prolepse (GENETTE, 1972), também antecipa e, ao mesmo tempo, sacramenta, ao final da primeira parte de *Die beiden Nachbarn*, o destino de Luíse e Peter e de Sulmire e Christian a partir de sua relação com a religião: “no decorrer de nossa história, veremos que o temor [a] Deus é o começo da sabedoria. O caminho dos tolos, no entanto, é a soberba e seu fim desonra” (ROTERMUND, 1997, p. 46). Essas duas perspectivas da vida matrimonial antevistas pelo narrador são tematizadas na segunda parte de *Die beiden Nachbarn*, publicada no *Kalender für die Deutschen in Brasilien* para o ano de 1884, cujas ações transcorrem cinco anos após os casamentos de Luíse e de Sulmire, mas alguns acontecimentos anteriores são recuperados pelo narrador por meio de uma analepse (GENETTE, 1972).

As benesses e agruras do matrimônio

Luíse, temente a Deus e obediente aos ensinamentos cristãos, tem uma vida matrimonial harmônica e feliz, visto que, além da religião, o amor verdadeiro une o casal. Desde o casamento, Luíse e Peter moram na casa dos pais dela, perto da qual ele trabalha em sua bem-sucedida ferraria. Em cinco anos, Luíse tornou-se mãe de Liese e de Franz. Ao permanecer junto dos pais de Luíse e manter com eles uma convivência pacífica, o casal cumpre o mandamento, pelo qual juraram na sua bênção matrimonial. Assim, em *Die beiden Nachbarn* a união matrimonial de Luíse e Peter ilustra que o cumprimento do quarto mandamento assegura a felicidade conjugal, a unidade familiar evangélica rural e a prosperidade. Reafirma também a concepção de Lutero de que, Deus, por meio do quarto mandamento, instituiu e preservou “o crescimento e a conservação do gênero humano – a vida familiar e a vida pública” (LUTERO, 2011, p. 142), sem essas duas instituições o mundo não subsistiria, conforme o teólogo alemão.

Na tematização de Luíse como esposa e mãe, o narrador de *Die beiden Nachbarn* também valoriza o casamento e a maternidade na construção de uma identidade feminina evangélica alemã rural. A sacralidade do casamento e sua indissolubilidade o narrador explicita aos leitores por meio da sentença: “casamento não é compra de cavalo; por isso, irmão, abre os olhos” (ROTERMUND, 1997, p. 50). Em sua explanação, o narrador afirma que muitas pessoas já foram enganadas na compra de cavalos, mas a frustração decorrente do engano pode ser resolvida por meio da venda barata ou mesmo da doação do animal, e da melhor observação do exemplar em uma próxima aquisição. No casamento o engano não pode ser resolvido nesses termos, pelo fato de que no dia da cerimônia é dito pelo sacerdote: “até que a morte os separe” (ROTERMUND, 1997, p. 50). A sacralização do casamento constitui um aspecto caro a Lutero, para quem “foi o próprio Deus que instituiu

o matrimônio, que foi ele que uniu homem e mulher e que ordenou gerar e criar filhos” (LUTERO, 2011, p. 175). Concernente a essa ressignificação do matrimônio, Dagmar Meyer pontua que Lutero, a partir da sua interpretação das escrituras, elaborou uma perspectiva teológica das relações entre homens e mulheres, a qual “acabou por produzir a representação de que casamento e maternidade biológica constituíam a vocação (Beruf) natural e abençoada da mulher” (MEYER, 2000, p. 101).

Em *Die beiden Nachbarn*, Luíse também corporifica a concepção de Lutero referente ao posicionamento da mulher no matrimônio. Na visão do teólogo alemão, ainda que submissa ao marido, “Deus criou a mulher para estar ao lado do homem” (LUTERO, 2011, p. 187) e “chama a mulher de boa e auxiliadora” (Idem, 2011, p. 175). Essa condição verifica-se na narrativa ao Luíse compartilhar com o marido seus desejos e aflições, como ilustra o episódio referente à comemoração do Natal. Após cinco anos de casamento, Luíse decide ornamentar um pinheiro para as crianças. Peter ponderou que os filhos ainda eram muito pequenos, “mas Luíse não aceitou esses argumentos, até que foi atendida e Pedrinho encomendasse uma porção de coisas para presentes e para a árvore de Natal” (ROTERMUND, 1997, p. 60). Luíse, ao expressar as suas vontades e lutar por elas, tem voz ativa no casamento, atuando como interlocutora e companheira de seu marido, conduta que ela, em solteira, observara na relação matrimonial de seus pais. Em *Die beiden Nachbarn*, a mãe de Luíse é tematizada como uma mulher companheira e admoestadora, que, apesar de amar o marido, “julgava ser sua tarefa opor-se às arestas e asperezas do mesmo” (ROTERMUND, 1997, p. 34). Graças a essa atitude, segundo o narrador, “Peter Lip já experimentara seguidas vezes que uma palavra amiga de sua esposa não só havia impedido muita desgraça, mas também o tornara mais calmo e cordato. Era por isso que ele também gostava de se deixar guiar por ela” (ROTERMUND, 1997, p. 34). Essa conduta feminina o narrador reforça por meio de uma avaliação positiva ao afirmar, em sua intrusão, que “é grande felicidade ter uma esposa que não seja apenas o eco do marido, que imita o marido e que ainda o confirma em suas manias” (ROTERMUND, 1997, p. 34).

Sulmire e Christian, ao contrário de Luíse e Peter, não alcançaram uma vida matrimonial abençoada e harmoniosa, uma vez que lhes faltam a religião e o amor verdadeiro, situação antevista pelo narrador no final da primeira parte do conto. Após o casamento, Sulmire permanece na casa dos sogros durante um ano, período durante o qual não consegue uma vida familiar satisfatória. Sulmire, em vez de auxiliar a sogra nas tarefas domésticas, entre elas a ordenha e o preparo do café matinal, “descansava e depois ainda se sentava sonolenta, com os cabelos desfeitos e o vestuário bastante desleixado” (ROTERMUND, 1997, p. 51). Sulmire também desagrada ao vendeiro, uma vez que ela não respeita os seus hábitos de economia, organização e asseio. Em decorrência dessa inadequação de Sulmire, geradora de atritos e decepções, o jovem casal é obrigado a mudar para outra casa na Picada Isabelle, cedida pelo vendeiro, rompendo-se, desse modo, a célula familiar original. Essas situações o narrador atribui ao fato de que Sulmire “não havia recebido uma boa educação” (ROTERMUND, 1997, p. 51) de sua mãe, e também à falta de disposição da jovem em se integrar em uma nova economia doméstica e de honrar a vontade dos sogros, ocorrendo, desse modo, também a desobediência ao quarto mandamento. Na perspectiva do narrador, “onde, porém, há boa vontade e um pouco de sensibilidade, a sogra facilmente se contenta e logo tudo acontece em boa harmonia” (ROTERMUND, 1997, p. 51).

Em sua nova casa e apartada dos sogros, Sulmire, ao longo de quatro anos, não alcança uma convivência agradável e afetuosa com o marido, em função da sua incapacidade de desempenhar as atividades domésticas, entre elas a ordenha, as lides domésticas e o trabalho na lavoura. Essas inaptidões ocasionam o afastamento do casal, já que, na perspectiva do narrador, “o ser humano necessita de companhia em todas as

coisas” (ROTERMUND, 1997, p. 53), razão pela qual Christian abandona a atividade agrícola pelo comércio de gado na Serra. Em decorrência disso, Christian voltava de tempo em tempos para casa, fazendo com que Sulmire se acostumassem “com a solidão, ao incho em sua horta e ao tédio” (ROTERMUND, 1997, p. 53). O distanciamento do casal também se acentua em função da ausência de uma afeição mútua e autêntica entre Sulmire e Christian e da falta de diálogo, já que “não havia troca de idéias ou de experiências entre os dois esposos. Quando ele voltava a partir, ela muitas vezes nem sequer perguntava para onde ia, nem por quanto tempo” (ROTERMUND, 1997, p. 53). Ao contrário de Luíse e Peter, o casal também não progride economicamente, e nem tem filhos, questões que novamente reafirmam, pela ausência, o modelo de vida defendido pelo narrador.

A diferença da vida familiar de Luíse e de Sulmire também é acionada em *Die beiden Nachbarn* por ocasião da comemoração do Natal, constituindo-se outro ponto da narrativa utilizada pelo narrador para evidenciar o modelo e o anti-modelo femininos. Luíse honra o Natal como data significativa do calendário religioso, celebrando-a em meio da alegria e união familiares. Ela e o marido haviam providenciado um pinheiro e confeccionado presentes simples para todos. A essa vivência do Natal no seio da família de Luíse, marcada pela simplicidade e harmonia, o narrador atribui um caráter exemplar da vida cristã: “por isso, o coração deles estava pronto para receber a mensagem de amor que é anunciada a todo o povo no Natal; neste amor descansavam de todo o trabalho; aí havia alegria sem algazarra, carinho sem falsidade, fidelidade sem mentira” (ROTERMUND, 1997, p. 60).

Em *Die beiden Nachbarn*, Luíse providencia uma árvore de Natal que é enfeitada com “doces, nozes, passas e velas” (ROTERMUND, 1997, p. 60). Essa ornamentação natalina e a comemoração da data cristã também servem para instituir outro traço identitário feminino a partir da relação entre religião e germanidade, vínculo esse central no pensamento de Rotermund. O pinheiro enfeitado foi mobilizado, na Alemanha, notadamente a partir da Guerra Franco-Prussiana de 1870/71, como “o mais significativo símbolo da festa de Natal alemã” (FOITZIK, 2001, p. 154). Nesse viés, Vilela e Fígoli também atribuem, na economia da narrativa, à utilização de frutas secas na decoração natalina, um costume europeu, “uma nova função simbólica como marcador étnico” (VILELA; FÍGOLI, 2012, p. 596), no caso, para a construção de uma identidade feminina alemã evangélica rural.

Sulmire, ao contrário de Luíse, não compreende o verdadeiro sentido do Natal, pois, segundo a avaliação do narrador, “sua diversão não tinha alegria, suas companhias não tinham amizade, seu prazer não tinha entusiasmo, como acontece a todas as naturezas superficiais, nas quais ebriedade dos sentidos se alterna com melancolia” (ROTERMUND, 1997, p. 59). Desse modo, “as únicas coisas que até aqui haviam impressionado seu coração haviam sido música e dança” (ROTERMUND, 1997, p. 59). Em vez de preparar a comemoração natalina, Sulmire, sozinha e desolada, “tinha saudades da casa paterna, onde havia muito divertimento e onde se frequentava o baile na noite de Natal” (ROTERMUND, 1997, p. 59). Ansiosa por essa atmosfera, ela implora à família para que venha buscá-la, e, em companhia do irmão, parte feliz e bem-arrumada para a casa dos pais em Carioca, sem esperar pelo retorno do marido da Serra. Essa atitude de Sulmire não apenas inviabiliza a comemoração do Natal como data cristã, familiar e étnica, mas também acentua o distanciamento do casal, já que Christian passa sozinho a noite natalina. Christian, ao ir atrás de Sulmire no segundo dia de Natal, vê a mulher no baile em alegre e descontraída conversa com um caixeiro-viajante. Essa situação desaponta profundamente Christian, na medida em que Sulmire “nessa ocasião

conseguia abrir a boca, e quando ele lhe falava não sabia se respondia ou não. Agora seus olhos podiam brilhar, enquanto em casa expressavam cansaço e enfado” (ROTERMUND, 1997, p. 60). Na economia da narrativa, essa atitude de Sulmire compromete a fidelidade conjugal e a sacralidade do matrimônio, o que, por sua vez, vai de encontro ao sexto mandamento: “não adulterarás” (BÍBLIA SAGRADA, 1993, p. 70). Na interpretação de Lutero, a observância desse mandamento implica “viver em castidade, pureza e temperança, em pensamentos, palavras e ações” (LUTERO, 2011, p.145).

Após visualizar a cena de Sulmire com o caixeiro-viajante, Christian retorna sozinho para a Picada Isabelle e, no outro dia, ele parte da localidade com seus bois, retornando esporadicamente para casa. Apesar de sua solidão e infelicidade conjugal, Sulmire preserva o vínculo matrimonial porque “sentia-se pertencente ao marido e pensava ter que suportar tudo com ele” (ROTERMUND, 1997, p. 74), elo que se dissolve apenas com o falecimento de Christian decorrente de um ferimento de bala na cabeça. Desse modo, o narrador ressalta a indissolubilidade do casamento e, por meio de uma intrusão, sentencia: “pois o matrimônio é um laço que não se rompe quando os corações dos esposos se estranham; a partir de então, ele é sentido apenas como uma algema” (ROTERMUND, 1997, p. 74). Por meio dessa trajetória, o narrador deixa claro que um casamento no qual a religião e o amor piedoso estão ausentes não logra sucesso, reafirmando também, desse modo, a conduta exemplar de Luíse e Peter.

O encontro das diferenças

Embora Luíse e Sulmire trilhem caminhos diferentes em suas vidas matrimoniais, ocorre em *Die beiden Nachbarn* uma aproximação entre as duas personagens como forma de novamente ressaltar os valores religiosos personificados na filha de Peter Lip. Em seu posicionamento como esposa que dialoga com o marido e expõe-lhe suas aflições, Luíse, por ocasião do mencionado Natal, verbaliza a sua preocupação em relação à família do vendeiro e a necessidade de ajudá-la. Luíse considera os vizinhos indiretamente responsáveis pela sua felicidade conjugal, uma vez que a briga de Christian e Peter no *Kerb* oportunizou o contato, a afeição mútua e, posteriormente, o casamento com o jovem. Peter argumenta que a preocupação em relação aos vizinhos deve ser considerada como um ato de gratidão a Deus. Depois de ponderarem a respeito do assunto, “tiveram coragem de fazer o bem” (ROTERMUND, 1997, p. 61) por meio do envio de um bolo à mulher do vendeiro. Ao tomar essa iniciativa, Luíse pratica um dos fundamentos da vida cristã: o amor ao próximo. Na ótica de Lutero, “Deus me ordenou que devo ter amor pelo próximo e ser favorável a todos, amigos ou inimigos, assim como procede nosso Pai celeste, fazendo o seu sol se levantar-se e brilhar sobre bons e maus” (LUTERO, 2011, p. 93). Nessa atitude, Luíse também reproduz os passos de sua mãe, quem movida pelo amor ao próximo acolhera em sua casa Peter gravemente ferido na cabeça e seguira, assim, os ensinamentos de Lutero: “um coração puro, por sua vez, deve seguir a palavra de Deus e seu exemplo de tal maneira que conceda e faça a cada um o que há de mais caro e melhor, o que lhe concede Deus e seu amor divino” (LUTERO, 2011, p. 93). A mãe de Luíse ainda intercedera a Deus pela vida e recuperação do jovem, lançando mão do livro de orações de Friedrich Starck, ato esse que significa a prática de outro fundamento da vida cristã, conforme Lutero: “depois da esmola ou fazer o bem ao próximo, também este ato cabe ao cristão: que ele ore” (LUTERO, 2011, p. 117).

O gesto de compaixão e aproximação de Luíse recebe uma resposta positiva da mulher do vendeiro

por meio de saudações e pêssegos temporões, quebrando, assim, uma animosidade de mais de cinco anos, rompimento esse que, a partir dessa ação, acentua-se paulatinamente no decorrer da narrativa. Depois do Natal, por ocasião da festa organizada para o político Gaspar Silveira Martins em visita à Picada Isabelle, essa intenção de aproximação é indiretamente reafirmada por outra figura feminina: Liese, filha de três anos de Luíse. A menina prepara o contato das duas mulheres a partir do seguinte comportamento: “crianças gostam de ficar olhando, quando outros comem, mesmo que elas estejam mais do que satisfeitas” (ROTERMUND, 1997, p.69). Ao receber um pedaço de bolo da vizinha, Liese leva-o para Luíse, e, segundo o narrador, “pequenos presentes encaminham amizade, e quando mais tarde a vendeira passeava e dirigiu algumas palavras amigas à menina, a mãe respondeu” (ROTERMUND, 1997, p. 69). Desse modo, a narrativa sugere uma continuidade na prática dos valores cristãos, já que Liese, em tenra idade, segue o modelo da mãe e da avó. A partir desse contato proporcionado por Liese, mais um passo é dado pelas mulheres para restabelecer a convivência entre as vizinhas. A mulher de Peter Lip “estava tão feliz quanto sua filha em poder mostrar à senhora vendeira que não queriam inimizade” (ROTERMUND, 1997, p.69). Luíse atua, então, até o final de *Die beiden Nachbarn* como agente de esteio e amparo para a nora do vendeiro, instalando-se “convívio regular que trazia novos raios de luz à vida vazia de Sulmire” (ROTERMUND, 1997, p. 73). A ação benéfica de Luíse, bem como a conduta exemplar da família de Peter Lip, marcada pela paz e felicidade, também deixou marcas no comportamento da mulher do vendeiro. Ela volta a frequentar os cultos, afronta o marido e assume o comando da casa, acolhe Sulmire em sua casa como a uma filha, amparando-a em sua viuvez após cinco anos de casamento, e estreita os laços de amizade com a família de Peter Lip. Tempos depois da morte de Christian, Sulmire casa novamente e tem filhos, que, segundo o narrador, na sua exaltação da maternidade, “ajudam a aumentar a felicidade que prospera na casa com a mesma alegria que a venda sob a direção de Eduard” (ROTERMUND, 1997, p. 82). O casamento de Sulmire também se relaciona indiretamente ao gesto de compaixão de Luíse por ocasião do Natal, uma vez que Eduard, segundo marido de Sulmire, é irmão de Peter, quem viera de Carioca para gerenciar os negócios da venda. Essa atitude justificada na narrativa em função da alienação mental do vendeiro, doença ocasionada pela morte prematura de Christian. Ao tornar necessária a presença de um homem para gerenciar os negócios do vendeiro, a narrativa evidencia aos leitores que não cabe às mulheres o desempenho de atividades fora da esfera doméstica. Sublinha-se, desse modo, os papéis atribuídos a homens e mulheres na visão de Lutero, retomados por Rotermund nesse período histórico em sua narrativa.

Algumas considerações

Wilhelm Rotermund, imbuído de um ideal de afirmação da religião evangélica e do pertencimento étnico, meta orientadora também da criação do *Kalender für die Deutschen in Brasilien* e das produções literárias de sua autoria, afirma e fixa em *Die beiden Nachbarn* uma identidade feminina evangélica alemã rural. Para tanto, o autor estrutura a sua narrativa a partir da estratégia do modelo e do anti-modelo, contrapondo, assim, a trajetória de duas jovens mulheres de origem alemã: Luíse, de origem rural, e Sulmire, oriunda do espaço urbano, em cujas vidas a religiosidade desempenha papéis diferentes.

Em sua condição de modelo, Luíse traz como característica fundamental a sua relação estreita com a religiosidade, que se externa nas suas ações exemplares como filha, esposa, mãe e vizinha. Ela corporifica a continuidade dos ensinamentos cristãos e da germanidade, além de proporcionar a paz e a bem-aventurança

nas famílias. Luíse é obediente aos pais e honra as tradições da sua família, respeito esse que insere suas ações na esfera do sagrado, pois pauta a sua vida pelo quarto mandamento. Como figura feminina modelar Luíse também é tematizada como fruto do bom trabalho de educação que uma mãe temente a Deus e preocupada com seu lar conseguiu realizar. Nesse sentido, a mãe de Luíse também adquire caráter exemplar na narrativa, em virtude de suas atitudes e práticas cristãs, como a leitura de textos de teor religioso e a frequência aos cultos. Nesse destaque dado à mãe e à filha como figuras exemplares, visualiza-se o viés doutrinário da narrativa, centrado na obediência e na continuidade, sinalizando, assim, que a transmissão contínua da palavra cristã às gerações vindouras assegura a unidade familiar, o fortalecimento da igreja evangélica e a permanência da germanidade.

Sulmire, como anti-modelo, é apresentada pelo narrador sob uma ótica negativa, especialmente no que tange à ausência da religiosidade e da educação materna, contrastando com o percurso exemplar de Luíse. De natureza superficial, refratária aos ensinamentos religiosos e despreparada para a vida doméstica e matrimonial, Sulmire fracassa na criação de uma unidade familiar e de um casamento feliz. A narrativa estrutura-se ainda de modo a culpar Sulmire pelo constante distanciamento de Christian, já que ela não consegue criar um lar acolhedor e nem ser companheira e auxiliadora do marido. Essa caracterização de Sulmire como anti-modelo não serve apenas, na economia da narrativa, para demonstrar uma conduta negativa, mas também como forma de realçar pelo contraste a identidade feminina evangélica alemã rural defendida em *Die beiden Nachbarn*, personificada em Luíse. Ao contrapor as duas personagens femininas, o conto busca exemplificar claramente as recompensas que desfrutam as mulheres que são tementes a Deus e vivem o Evangelho em sua vida cotidiana, bem como alertar para as perdas sofridas por aquelas distantes da religiosidade, residindo também nessa técnica o caráter doutrinário e moralizante da narrativa.

Ainda que modelo e anti-modelo tenham condutas e vidas matrimoniais distintas, há uma espécie de redenção para Sulmire e também para a mulher do vendeiro, a partir do exemplo de Luíse como seguidora dos ensinamentos religiosos. Luíse, bondosa e compassiva, constrói pontes onde há abismos, visto que parte dela a principal iniciativa para instaurar paz entre as duas famílias. Na narrativa evidencia-se, assim, que essa relação com Luíse e sua mãe traz bênçãos e novas possibilidades de vida e felicidade para a vendeira e sua nora. Isso novamente reforça a conduta exemplar de Luíse e de sua mãe. Nesse sentido, em *Die beiden Nachbarn* o narrador sublinha a noção de que uma mulher misericordiosa tem em suas mãos a possibilidade de corrigir e redimir outras mulheres afastadas da igreja e do que essa instituição considera moralmente correto.

Assim, a tematização de Luíse e de Sulmire como modelo e anti-modelo permite aos leitores, especialmente às leitoras, o reconhecimento da identidade feminina evangélica alemã rural desejada pelo narrador. Essa questão já foi apontada por Vilela e Fígoli, para quem “a própria trajetória dos personagens de cada família (sucesso/felicidade x insucesso/sofrimento) são evidências de boas e más condutas e suas conseqüências” (VILELA; FÍGOLI, 2012, p. 588). Essa estratégia sugere também que Rotermond via na mulher uma das principais aliadas nesse processo de afirmação e formação identitária, colocando também em suas mãos a responsabilidade pela felicidade ou pela ruína de uma família. Colabora para essa tarefa a atuação do narrador intruso que, em suas intrusões de caráter valorativas, explícita, afirma e julga as condutas femininas pretendidas e legitimadas, visando a persuadir os leitores, especialmente as leitoras, do *Kalender für die Deutschen in Brasilien*. Ainda que publicado originalmente para os anos de 1883 e 1884, *Die beiden Nachbarn* esteve, a partir de 1917, no mercado editorial em formato de livro, integrante da *Südamerikanische Literatur*, que foi publicada até a década de 1940. Essa condição possibilitou que a identidade feminina

evangélica alemã rural defendida pelo narrador no mencionado conto estivesse disponível aos leitores de língua alemã, especialmente para os residentes no Rio Grande do Sul, por mais de duas décadas.

Referências

- BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. 2ª. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BOURNEUF, Roland; OUELLET, Réal. **O universo do romance**. Trad. José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Almedina, 1976.
- DREHER, Martin N. **Igreja e germanidade**. Estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. 2ª. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2003.
- FAUSEL, Erich. **D. Dr. Rotermund**. Ein Kampf um Recht und Richtung des evangelischen Deutschtums in Südbra-silien. São Leopoldo: Verlag der Riograndenser Synode, 1936.
- FOITZIK, Doris. Weihnachten. In: FRANÇOIS, Etienne; SCHULZE, Hagen (hrsg.) **Deutsche Erinnerungsorte III**. München: Beck, 2001. p.154-168.
- GENETTE, Gérard. **Figures III**. Paris: Éditions du Seuil, 1972.
- GRÜTZMANN, Imgart; KLUMB, Mateus. Mulheres, religião e identidade em *Die beiden Nachbarn. Bilder aus der Kolonie*, conto de Wilhelm Rotermund. In: NASCIMENTO, Michelle V. O.; OLIVEIRA, Rodrigo S. de; LOUSADA, Isabel da (Org.). **História, feminismos e estudos de gênero**: reflexões interdisciplinares. São Paulo: LiberArs, 2017. p. 139-153.
- GRÜTZMANN, Imgart. Dr. Wilhelm Rotermund e a *Evangelische Buchhandlung*: opções de leitura em língua alemã de 1877 a 1879. In: SANTOS, Amanda Basílio; VARGAS, Jonas Moreira; LEAL, Elisabete da Costa (Orgs.). **Fronteiras e identidades**: reunião de artigos do II EIFI. Pelotas: Edições do autor, 2017. p. 519-528.
- GRÜTZMANN, Imgart. Leituras sob o céu do Cruzeiro do Sul: os almanaques em língua alemã no Rio Grande do Sul (1855-1941). In: SIDEKUM, Antonio (Org.). *Às sombras do carvalho*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004. p. 177-254.
- KUDER, Manfred. **Die deutschbrasilianische Literatur und das Bodenständigkeitsgefühl der deutschen Volksgruppe in Brasilien**. Berlin: Ibero-Amerikanisches Archiv, 1936/37.
- LEITE, Lígia Chiappini M. **O foco narrativo**. 2ª. Ed. São Paulo: Ática, 1985.
- LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**: ética: fundamentos – oração – sexualidade – educação – economia, v.5. 2ª. Ed. Trad. Martin N. Dreher. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011.
- MEYER, Dagmar E. E. **Identidades traduzidas**: cultura e docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; São Leopoldo: Editora Sinodal, 2000.
- NEUMANN, Gérson. Dr. Wilhelm Rotermund – Leben und Werk. **Martius-Staden-Jahrbuch**, São Paulo, nr. 57, 2010, p.65-79.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. Seguindo de Grupos Étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.

ROTERMUND, Wilhelm. Os dois vizinhos. Cenas da colônia. In: _____. **Os dois vizinhos e outros textos**. Trad. Martin N. Dreher. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Edições EST, 1997. p. 9- 82.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

VILELA, Isadora T.; FÍGOLI, Leonardo H. G. As cenas da colônia de Wilhelm Rotermund – literatura e etnicidade. In: RAMOS, Eloísa H. C. da L.; ARENDT, Isabel C.; WITT, Marcos A. (Orgs.). **A história da imigração e sua(s) escrita(s)**. São Leopoldo: Oikos, 2012. p. 583-598.

WEBER-KELLERMANN, Ingeborg. **Frauenleben im 19. Jahrhundert**. 4. Aufl. München: Beck, 1998.

Recebido em 24/08/2018.

Aceito em 22/12/2018.